

Então foi como se o tempo parasse e a Alma do Mundo surgisse com toda a força diante do rapaz. Quando ele olhou seus olhos negros, seus lábios indecisos entre um sorriso e o silêncio, ele entendeu a parte mais importante e mais sábia da Linguagem que o mundo falava e que todas as pessoas da Terra eram capazes de entender em seus corações. E isto era chamado de Amor, uma coisa mais antiga que os homens e que o próprio deserto, e que no entanto ressurgia sempre com a mesma força onde quer que dois pares de olhos se cruzassem como se cruzaram aqueles dois pares de olhos diante de um poço. Os lábios finalmente resolveram dar um sorriso, e aquilo era um sinal, o sinal que ele esperou sem saber durante tanto tempo em sua vida, que tinha buscado nas ovelhas e nos livros, nos cristais e no silêncio do deserto.

Ali estava a pura Linguagem do Mundo, sem explicações, porque o Universo não precisava de explicações para continuar seu caminho no espaço sem fim. Tudo o que o rapaz entendia naquele momento era que estava diante da mulher de sua vida, e sem nenhuma necessidade de palavras, ela devia saber disso também. Tinha mais certeza disso do que de qualquer coisa no mundo, mesmo que seus pais e os pais de seus pais dissessem que era preciso namorar, noivar, conhecer a pessoa e ter dinheiro antes de se casar. Quem dizia isso talvez jamais tivesse conhecido a Linguagem Universal, porque, quando se mergulha nela, é fácil entender que sempre existe no mundo uma pessoa que espera a outra, seja no meio de um deserto, seja no meio das grandes cidades. E quando essas pessoas se cruzam e seus olhos se encontram, todo o passado e todo o futuro perdem qualquer importância; só existe aquele momento e aquela certeza incrível de que todas as coisas debaixo do sol foram escritas pela mesma Mão. A Mão que desperta o Amor e que fez uma alma gêmea para cada pessoa que trabalha, descansa e busca tesouros debaixo do sol. Porque sem isso não haveria qualquer sentido para os sonhos da raça humana.

“*Maktub*”, pensou o rapaz.

O Inglês levantou-se de onde estava sentado e sacudiu o rapaz.

—Vamos, pergunte a ela!

O rapaz se aproximou da moça. Ela tornou a sorrir. Ele sorriu também.

—Como você se chama? —perguntou.

—Me chamo Fátima —disse a moça, olhando para o chão.

—É um nome que algumas mulheres têm na terra de onde venho.

—É o nome da filha do Profeta —disse Fátima. —Os guerreiros o levaram para lá.

A moça delicada falava de guerreiros com orgulho. Ao seu lado o Inglês insistia, e o rapaz perguntou pelo homem que curava todas as doenças.

—É um homem que conhece os segredos do mundo.

Conversa com os *djins* do deserto —ela falou.

Os *djins* eram os demônios. E a moça apontou para o sul, para o lugar onde aquele estranho homem morava.

Depois encheu seu cântaro e partiu. O Inglês partiu também, em busca do Alquimista. E o rapaz ficou por muito tempo sentado ao lado do poço, entendendo que algum dia o Levante havia deixado em seu rosto o perfume daquela mulher, e que já a amava antes mesmo de saber que ela existia, e que seu amor por ela faria com que encontrasse todos os tesouros do mundo.